

# O acontecimento e a mídia

Vera França

**Resumo:** A partir da compreensão do conceito de acontecimento conforme discutido por L. Quéré (como ruptura da normalidade, desencadeando sentidos e descortinando novas possibilidades), o presente texto se afasta das abordagens que separam e autonomizam mídia e vida social, e se propõe a discutir a dupla relação que se estabelece entre mídia e acontecimento: a mídia tanto pode ser um dos lugares nos quais surgem e se produzem acontecimentos (na sua dimensão existencial), como o espaço em que os acontecimentos são repercutidos e adquirem sua segunda vida (dimensão simbólica). Os conceitos de mundo da vida e realidades múltiplas de Schutz são usados como operadores analíticos para explicar essa imbricação, bem como a maior ou menor proximidade que o público estabelece com diferentes tipos de acontecimento.

**Palavras-chave:** mídia; acontecimento; mundo da vida; realidades múltiplas

**Abstract: Media and event** - Using the concept of happening as discussed by L. Quéré (as a fracture from normality, that trigger senses and reveals new possibilities), this paper moves away from the approaches that separate and attribute autonomy to media in face of social life. The aim is to discuss the dual relation that is established between media and happening: in one hand, the media can be one of the places where events arise and are produced (in its existential dimension), and in the other it can be the space where events are rebounded and get their second life (symbolic dimension). The concepts of life-world and multiple realities (Schutz) are used as analytical operators to explain this imbrication, as well as the proximity, greater or smaller, that the public establishes with the different types of happenings.

**Keywords:** Media; happening; life-word; multiple realities

Mídia e acontecimento são dois termos de uso corrente na área de comunicação, de compreensão imediata e praticamente consensual. Apesar disso – e correndo o risco de esbarrar no óbvio – inicio esta reflexão explorando esses conceitos e explicitando a maneira como vou utilizá-los e construir a sua imbricação. Na seqüência, e com o apoio de conceitos vindos do terreno da fenomenologia, procuro indicar como a nova realidade

mediática (e a mídia como espaço de repercussão e criação de acontecimentos) incide na configuração e dinâmica da realidade de nossa vida cotidiana, e na forma de convivência e atravessamento entre as múltiplas realidades que compõem o mundo da vida.

Mídia, palavra latina, já abrigada, significa “meios” no plural. Meios de comunicação, meios através dos quais circulam informações, mensagens, imagens; instrumentos e dispositivos através dos quais estabelecemos relações uns com os outros, e com o mundo. Aí se encaixam, portanto, a voz, o rosto, o papel, a escrita, as diferentes formas de imagens visuais. No início do século XX, a explosão da imprensa de grande tiragem, a invenção do rádio, do cinema e posteriormente da televisão suscitaram a criação do termo “meios de comunicação de massa”. A grande novidade, a grande revolução naquele momento, foi a possibilidade de se alcançar, de uma só vez, grandes audiências territorialmente distantes. As novas invenções permitiram cruzar tempo e espaço, atingir um grande número de pessoas, dispersas em vários lugares, ao mesmo tempo. Essa novidade – os meios de comunicação de massa – assustou e empolgou profissionais, artistas, estudiosos, mas também líderes políticos, militares, empreendedores do ramo da indústria e do comércio.

O século das mídias avançou; surgiu outra tecnologia com uma potencialidade jamais pensada – o computador e as redes digitais – tornando o antigo formato da comunicação de massa quase ultrapassado. A novidade e o atrativo deixaram de ser a emissão de um para muitos, e passaram a ser a possibilidade desses muitos interagirem entre si. A expressão “comunicação de massa” é substituída então por *media*, ou mídia – englobando os velhos e novos meios: os meios massivos, os meios de acesso individual, enfim, tudo aquilo que serve para comunicar, para transmitir uma informação, criar uma imagem. E aí entram tanto o jornal impresso quanto o webjornalismo; tanto a teatro quanto a tevê; tanto os espaços da cidade quanto os nossos próprios corpos.

Mídia se torna um conceito abrangente, uma expressão que significa várias coisas: instrumento, espaço, sujeito. Funciona como *instrumento*, ou dispositivo, por meio do qual se pode criar linguagem, formatar e veicular produtos. Constitui também um novo espaço de troca, de convivência, de consulta, de convocação; um espaço de encontro e de circulação, como o são a rua, a praça, os estádios, os cafés, os bares. E atua ainda como um novo *sujeito* – quando percebemos que essa nova instância produz e configura um discurso próprio, e um lugar de fala possante e poderoso.

Na visão de vários pesquisadores (e às vezes também no senso comum), mídia e sociedade seriam duas instâncias separadas – a mídia faz isto ou aquilo para a sociedade, a sociedade pede isto ou aquilo para a mídia. Fazendo bem ou fazendo mal, nessa perspectiva a mídia é vista como externa à sociedade.

A visão adotada aqui vai no sentido contrário, e busca enfatizar que a mídia *faz parte* da sociedade, está inserida nela como estão os postos de saúde, as defensorias públicas, os estádios esportivos, por exemplo. É uma das instituições da sociedade, e congrega os múltiplos dispositivos através dos quais essa sociedade produz e faz circular suas informações

e representações. De resto, a mídia constitui talvez a instituição que melhor caracteriza o cenário contemporâneo; a face da nossa sociedade, nosso comportamento, nossas ações são hoje o que são porque dispomos de tais meios, espaços, instrumentos para nos informarmos, nos exprimirmos, formatarmos nossas ações e nosso cotidiano. A mídia é o espaço privilegiado no qual a sociedade fala consigo mesma, a propósito de si mesma.

Todas as sociedades dispuseram de seus meios: em outros tempos foram as arenas, os mercados, os teatros, os salões da corte que funcionaram como espaço público; foram os oradores, trovadores, pintores e escultores que responderam pela expressão e a circulação das informações, imagens e discursos. Hoje, sem prescindir dos meios anteriores, estamos equipados com meios sofisticados e possantes. *Estamos mais poderosos ou mais fragilizados com a mídia de que dispomos?* Tentarei responder a esta questão mais adiante.

Falei de mídia, passo agora a falar de “acontecimento”. Trata-se de uma palavra banal, que usamos fartamente no nosso dia a dia, tanto para nos referirmos ao que acontece conosco ou ao nosso redor, como para falar das ocorrências no mundo. Mas é necessário problematizar um pouco mais a palavra e o conceito. Se coisas acontecem o tempo todo, nem todas têm o mesmo peso, o mesmo poder de afetação. Chamamos então “acontecimento” os fatos e as ocorrências que se destacam ou merecem maior destaque. É nesse sentido que “acontecimento” se torna uma noção importante em vários domínios, recebendo conceituação e tratamento peculiares em cada um.

É um conceito muito presente no campo da história; a história do acontecimento constrói suas narrativas a partir de momentos marcantes. Assim é que a história do Brasil é uma soma deles – o descobrimento, a primeira missa, a vinda da família real, o Grito do Ipiranga e muitos outros, chegando a nossos dias e à eleição da primeira mulher “presidenta”. É importante lembrar que esta não é a única história. Ao lado dela, outras formas de narrar a trajetória de povos e sociedades são desenvolvidas, nas quais os grandes acontecimentos (os acontecimentos “monumentais”) são substituídos por outras marcações – pelos pequenos acontecimentos e pela vida miúda do dia a dia, pelas mentalidades etc.

Esse conceito é também bastante significativo no campo da comunicação, e no terreno midiático. Neste existe uma prática específica, o jornalismo, que se constrói exatamente em torno dos acontecimentos. A tarefa do jornalismo é farejá-los, identificá-los, e então narrar. Nesse âmbito, a teoria do jornalismo desenvolve toda uma tipologia da notícia para definir e classificar o que é ou não é relevante, hierarquizando fatos em função de sua importância, abrangência, impacto, interesse. Esses fatos que merecem ser noticiados seriam os “acontecimentos”. Nessa compreensão, é a natureza intrínseca da ocorrência que define seu estatuto de “noticiável”, seu estatuto de acontecimento.

Já para alguns autores, o acontecimento é justamente a transformação do fato em narrativa; uma ocorrência específica, narrada e transformada em informação jornalística, foi alçada à condição de acontecimento – virou notícia, passou a existir. Radicalizando um pouco a visão, alguns dizem mesmo que o acontecimento nem existe fora da mídia;

ele é não apenas o resultado, mas em certa medida a construção ou uma invenção do jornalismo e demais práticas midiáticas.

Essas são formas correntes de falar do acontecimento, e cada uma delas contribui à sua maneira para o acercamento do problema. De nossa parte<sup>1</sup>, entendemos que um conceito espesso de acontecimento é uma importante ferramenta de conhecimento. Na busca desse conceito mais abrangente, ou que faça diferença (se um conceito não faz diferença, se ele pode ser substituído por outros sem grande alteração, então, não está cumprindo seu papel), temos nos apoiado particularmente nas contribuições do sociólogo e pesquisador francês Louis Quéré (2005, 2012). Sem me alongar aqui nesta discussão<sup>2</sup>, gostaria apenas de fazer uma breve recuperação de alguns pontos significativos.

Inicialmente é importante lembrar que um acontecimento acontece *a alguém*; ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade. O acontecimento o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece. Uma ocorrência que não nos afeta não se torna um acontecimento no domínio da nossa vida. É simples fato, do qual até podemos tomar conhecimento, mas pelo qual não somos tocados. Este primeiro aspecto nos permite uma conclusão importante: os acontecimentos se inserem em nossa experiência, na experiência humana, no âmbito de nossa vivência.

Como segundo ponto, é importante destacar que o acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse. O desdobramento se vê comprometido. O acontecimento gera uma interrogação.

Em decorrência – e este seria seu terceiro aspecto – o acontecimento suscita sentidos, faz pensar, incita à busca de respostas e alternativas. Ele alarga o leque do possível – e descortina (ainda que por pequenas brechas) o horizonte do que não havia ainda sido pensado. Por isto, nos diz Quéré (2005), o acontecimento convoca passado e futuro. Faz-nos olhar para trás, olhar diferentemente para trás, e indagar: onde ele estava anunciado e não foi percebido? De onde ele vem, e que causas vieram a provocá-lo? (QUÉRÉ, 2005, p. 62-63). Nessa perspectiva, o acontecimento é instância de conhecimento – ele faz pensar, ele intriga, ele promove buscas e investigações. O acontecimento é dotado de um poder hermenêutico; é suscitador de conhecimento. É capaz, inclusive, de modificar o passado; desvelar o não-visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas.

O acontecimento nos faz igualmente olhar, pensar e planejar o futuro. Quando ele rompe uma sequência e quebra as expectativas, uma interrogação e um vazio se colocam

<sup>1</sup> Falo aqui na perspectiva adotada por nosso grupo de pesquisa (Gris-UFMG), proveniente de estudos sobre o conceito de acontecimento, assim como da realização de um colóquio e da publicação de um livro sobre a temática (cf. FRANÇA; OLIVEIRA, 2012).

<sup>2</sup> Remeto à obra citada na nota anterior, em que, em diferentes textos os pesquisadores do Gris exploram a perspectiva apresentada por Quéré, e ao meu artigo na referida coletânea (FRANÇA, 2012).

– e agora? Ele faz repensar alternativas e desdobramentos, torna necessário inventar saídas e formas de retomar a “normalidade”. Nesse sentido, o acontecimento faz agir.

Existem bons e maus acontecimentos; acontecimentos alvissareiros, desejáveis e outros completamente indesejáveis e nefastos, destruidores, mesmo. Mas apesar do sofrimento provocado por alguns, existe uma positividade em todo acontecimento: eles são responsáveis pelo dinamismo da vida. Coisas acontecem a pessoas e grupos – e para que a vida não se interrompa, temos que permanentemente reinventá-la, ou inventar novas formas de fazê-la prosseguir.

Este é então o conceito de acontecimento adotado aqui: são fatos que ocorrem a alguém; que provocam a ruptura e desorganização, que introduzem uma diferença. Eles fazem pensar, suscitam sentidos, e fazem agir (têm uma dimensão pragmática). E tais ocorrências curto-circuitam o tempo linear; ocorrendo no nosso presente, eles convocam um passado e *re-posicionam* o futuro.

Porém ainda falta alguma coisa, outro aspecto – que não é menor, e está imiscuído nisso tudo. Acontecimentos fazem falar; nós somos animais simbólicos, capazes o tempo todo de duplicar nossa realidade a partir de construções imagéticas e representacionais. Nós construímos narrativas em torno dos acontecimentos, o que faz com que eles, conforme a formulação de Quéré (2012, p. 30-ss.), adquiram uma nova vida, uma segunda vida. Transformados em narrativas, os acontecimentos passam a existir também como discurso, representação. A primeira vida, nos lembra o autor, é da ordem do existencial – trata-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que congestiona o nosso cérebro, dificulta nossa respiração, acelera o nosso coração. A segunda vida é o acontecimento tornado narrativa, tornado um objeto simbólico.

Essas duas vidas coexistem; vivemos acontecimentos que se veem marcados não apenas por suas características intrínsecas, mas também por outras representações que fazem parte de nosso repertório e são a eles associadas no processo de sua simbolização. Muitas vezes, experimentando uma determinada situação forte, somos invadidos por outras cenas – do já vivido, do já visto, e que sobrevive na forma de imagens simbólicas. E tais cenas (de outras experiências, às vezes até de filmes ou da narrativa de terceiros) atuam na intensidade maior ou menor com que somos afetados. Da mesma maneira, a realização do acontecimento na forma do simbólico (o acontecimento como narrativa) traz as marcas do vivido. A experiência do narrador traduz-se na criação simbólica, na construção discursiva. E esta, ao ganhar uma existência própria, quase uma autonomia, não corta completamente os laços com o domínio do sensível. Ela é marcada pelo vivido, e é por isso que remete de novo ao acontecido, numa recursividade sem fim.

Tendo falado da mídia e do acontecimento, resta fazer a ponte, e buscar as imbricações. De que maneira mídia e acontecimento se relacionam? Devemos dizer “a mídia e o acontecimento”, ou seria melhor “o acontecimento na mídia”?

Sob certa perspectiva, pode-se dizer que a mídia, e particularmente o jornalismo, acolhem e repercutem os acontecimentos do mundo. Há uma teoria, apelidada “teoria do espelho”, que explica o jornalismo como um reflexo daquilo que acontece. Também a televisão já foi chamada de “janela para o mundo”. Ambas as figuras atribuem à mídia um papel de acolhimento e divulgação de uma realidade que lhe seria exterior.

Mais contemporaneamente, e como resultado do surgimento de novos formatos e produtos midiáticos, bem como da preponderância de sua função de entretenimento, surgiu uma explicação contrária, que acentua a centralidade da mídia face ao mundo. Tal perspectiva pode ser lida, por exemplo, na teoria da construção da realidade pelo jornalismo, assim como em teorias que falam de uma neotevê, da televisão que deixou de falar o mundo para falar de si mesma<sup>3</sup>. Para a perspectiva construtivista, é acontecimento aquilo que o jornalismo constrói como tal o que implica praticamente a supressão do acontecimento em sua dimensão existencial (em sua primeira vida). Não é o impacto do acontecimento que importa – ou sequer se ele aconteceu, mas a construção midiática em torno dele. Também no conceito da neotevê, o que acontece fora dela se torna completamente supérfluo – a televisão constrói uma realidade mais atraente e glamorosa em seus próprios estúdios. Acontecimentos “artificiais”, cenográficos, substituem a vida do dia a dia e das pessoas “reais”.

Tais teorias, na perspectiva aqui desenvolvida, trazem explicações parciais – senão equivocadas – dos fenômenos estudados. Estão assentadas na mesma visão dualista, indicada no início, que contrapõe e separa mídia e sociedade, construção midiática e mundo real.

A fenomenologia (e Alfred Schutz, de forma particular) cunhou conceitos como “mundo da vida”, “realidade da vida cotidiana”, “realidades múltiplas” que podem ser preciosos na superação das visões dicotômicas. O mundo da vida compreende a esfera das experiências cotidianas, aquele que nos é dado como perceptível, a “soma total de objectos e de ocorrências dentro do mundo social e cultural tal como é experimentado e vivido pelo pensamento do senso comum dos homens vivendo as suas vidas” (CORREIA, 2005, p. 43). Ele compreende diferentes esferas ou estratos de realidade centrados no espaço e no tempo em torno do meu corpo. A “realidade da vida cotidiana” é o espaço da nossa ação, de nossa convivência (o ‘aqui’ de meu corpo, o ‘agora’) de meu presente” (BERGER; LUCKMAN, 1985, p. 39). Mas ela convive e se alimenta de outras esferas – da realidade da política, da ciência, da ficção. Os jornais, a televisão, a Internet estão absolutamente inseridos na nossa realidade (na realidade de nossa vida cotidiana). Por seu turno, a realidade das telenovelas, a realidade dos países distantes trazidos através dos telejornais existem como outras realidades – que dialogam e penetram na realidade de nossa vida cotidiana. Ou seja, as múltiplas realidades, que sempre existiram, coexistem, circulam e se cruzam com mais facilidade e rapidez em nossos tempos de mídias ágeis

<sup>3</sup> O conceito de neotevê (que faz par com o conceito de paleotelevisão – o primeiro sucedendo a este último) foi apresentado inicialmente por Umberto Eco (1977), sendo posteriormente retomado por vários autores.

e potentes. O que marca não só a presença da mídia dentro da vida da sociedade mas atesta seu lugar como força motriz, elo que promove a circulação de diferentes realidades.

Tais contribuições da fenomenologia vêm apoiar um afastamento das teorias que supõem a autonomia do mundo da mídia e qualificam de simulacros as suas produções. Boas ou más, essas produções fazem parte do nosso mesmo mundo da vida (comentamos as intrigas de uma telenovela da mesma maneira como falamos de uma ocorrência na vizinhança; inquietamo-nos com acontecimentos que se dão no outro lado do mundo, e do qual apenas conhecemos imagens transmitidas pela mídia, tanto quanto com as obras para a realização da Copa do Mundo de 2014 que estão sendo realizadas em nossa cidade). E tais produtos midiáticos são resultado do trabalho de ninguém menos do que nós mesmos e nossos contemporâneos. O que nos indica o quanto a mídia penetra e se imiscui no nosso cotidiano, o quanto facilita a interpenetração de diferentes esferas de realidade.

Voltando então aos acontecimentos, e à relação mídia/acontecimento, cabem duas observações. A mídia tanto pode ser um dos lugares em que surgem e se produzem acontecimentos (na sua dimensão existencial), como o espaço em que acontecimentos são repercutidos (e adquirem sua segunda vida).

Tentarei explicar um pouco melhor. Os acontecimentos na sua dimensão existencial (na sua primeira vida), ou seja, acontecendo e se inserindo na nossa experiência, podem se dar em qualquer espaço da vida social, em qualquer instituição ou campo de vivência. Eles acontecem nas cidades, nas estradas, em Brasília, em Belo Monte, no estádio do Maracanã – mas também na televisão, no rádio, nas páginas dos jornais, na Internet. Um episódio de uma telenovela ou uma postagem no Twitter pode se tornar um acontecimento tanto quanto um caso de corrupção no Congresso Nacional ou uma partida inacreditável no final de um campeonato de futebol (embora isso não signifique que eles venham a ter o mesmo impacto ou se equivaler). E aqui o importante é frisar que não existe lugar definido para a ocorrência daqueles fatos que vão “acontecer a alguém”, penetrar na experiência de uma coletividade, interromper a normalidade do seu cotidiano.

Da mesma maneira, quando falamos na segunda vida do acontecimento, ou seja, do momento em que ele ganha uma existência simbólica e se transforma em discurso, podemos constatar que isto pode se dar tanto nas rodas de conversa quanto nas esferas midiáticas. Contudo, dando-nos conta de que a mídia é a instituição central pela qual a sociedade fala de si mesma, a si mesma, forçoso é constatar que é principalmente neste domínio que os acontecimentos são revividos e ganham sua existência simbólica. E às vezes essa segunda vida é tão transformadora, e causa tanto impacto, que ela atua igualmente (e novamente) como acontecimento existencial – este, por sua vez, será comentado, e se transformará, de novo, numa segunda vida, numa espiral crescente<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Como exemplo recente, podemos nos reportar à entrevista de Xuxa, no programa Fantástico, da Rede Globo, (exibido em 20/05/2012, no quadro “O que Vi na Vida”), em que a apresentadora revela que sofreu abusos sexuais na infância. Foi um evento midiático, que provocou intensas reações (inclusive um aumento no número de denúncias de abusos com crianças), e que foi retomado e reproduzido em diversos espaços (nas redes sociais, em outros programas televisivos e radiofônicos), convertendo-se em tema de conversas e debates na mídia e fora dela.

Por esse caminho um pouco tortuoso (espero que não excessivamente!), quero enfatizar que na era midiática, com o surgimento e a proliferação de meios de vários tipos, encontramos um contexto muito propício para a proliferação de acontecimentos. Tanto a mídia produz seus acontecimentos como repercute e se torna o nicho próprio para a criação da segunda vida dos acontecimentos surgidos em outras esferas do mundo da vida. Se acontecimentos impactantes não são privilégios de nossa época, com certeza podemos afirmar que sociedades anteriores jamais viveram tal profusão.

Eu perguntei inicialmente: *Estamos mais poderosos ou mais fragilizados com a mídia de que dispomos?* Claro que essa pergunta não tem respostas fáceis nem únicas (um sim ou um não). Talvez a pergunta possa receber uma resposta afirmativa. Sim, estamos mais poderosos. Nunca como agora a humanidade pôde vasculhar e acompanhar em conjunto tudo que se passa, em todos os lugares. Na era da transparência, das câmeras escondidas, dos *paparazzi*, do YouTube, tudo se sabe, tudo se divulga. Se há muito tempo os acontecimentos eram restritos ao âmbito e ao grupo de sua ocorrência; se até bem pouco tempo atrás (já na era dos meios de comunicação de massa) os acontecimentos que circulavam eram filtrados pelos interesses das empresas de comunicação e pelos critérios de valor-notícia dos jornalistas, sem dúvida vivemos em nossos dias um cenário muito mais aberto e democrático. Hoje, milhares de fontes divulgam e comentam acontecimentos; os *Trending Topics* resultam de escrutínios espontâneos e diversificados; os índices de visitação dos sites atestam movimentos autônomos de busca e sistemas de preferências múltiplos. Este cenário é indicador de que a presença da mídia, das diferentes mídias, “empoderou” (para usar uma palavra da moda) substancialmente a sociedade. Sim, estamos mais poderosos.

Por outro lado, esse empoderamento tem seus custos – o que nos deixa também fragilizados. Não vou comentar a questão do uso maléfico da mídia e particularmente das redes sociais para fins perversos e criminosos (incitação à violência, pedofilia etc.) – um problema real, e que certamente a sociedade saberá, paulatinamente, se não extinguir, pelo menos controlar e punir. Refiro-me ao âmbito dos próprios acontecimentos. Conforme discutido no início, acontecimentos não são simples ocorrências, mas fatos que têm um poder de afetação, que acontecem a alguém, provocam sentidos, convocam o passado, reorientam o futuro. E suscitam a ação. Cabe então indagar: estamos sendo realmente afetados pela avalanche de fatos e ocorrências que nos são reportados cotidianamente – às vezes a cada hora? Quais e quantos ainda mantêm seu poder de afetação? São eles provocadores de sentido? Olhamos para eles buscando suas causas, inquirindo suas consequências?

Nos anos 40 do século XX, dois importantes sociólogos norte-americanos – Lazarsfeld e Merton (1978) –, apresentando as funções da comunicação, apontaram-lhe também uma possível disfunção (ou efeito negativo), que chamaram de “disfunção narcotizante”. Eles levantavam a hipótese de que o excesso de informações – informações que em princípio deveriam nutrir o cidadão e formar uma opinião pública esclarecida – poderia exercer um



efeito inverso, e entorpecer os receptores. Numa reflexão de nossos dias, Susan Sontag (2003) indaga sobre nossa sensibilidade para acolher a dor dos outros. Frente a tantas imagens de horror a que somos expostos cotidianamente, estaríamos nos tornando insensíveis? As guerras contemporâneas estariam sendo vividas por nós como acontecimentos – provocando sentidos e estimulando as ações –, ou seriam apenas novas formas de espetáculo, que assistiríamos impassíveis, como denunciado por Jean Baudrillard (2001)?

Não tenho uma visão negativa ou pessimista de nossa sociedade, do uso que estamos fazendo dos meios, e de nossa capacidade de ação, pelo contrário até. Porém é inegável que temos sido soterrados por mais informações do que temos condições de processar (e às quais podemos reagir); que ocorrências importantes do ponto de vista do funcionamento da sociedade e do bem-estar público são recebidas com distanciamento, e há uma hierarquia dos acontecimentos com capacidade de afetação e importância social não exatamente simétricas. Nem sempre uma questão de interesse público suscita o correspondente interesse do público.

Pensemos no último escândalo político em Brasília, em torno das relações de Carlinhos Cachoeira e Demóstenes Torres (para não estender aqui a lista dos envolvidos). Sem dúvida, os resultados da Operação Monte Carlo constituíram um acontecimento. Mas se formos avaliar seu impacto – o quanto esses fatos afetaram as pessoas e a sociedade brasileira, o quanto provocaram uma ruptura na normalidade, uma busca de causas e de consequências –, não encontraremos grandes resultados.

Em contraste, temos inúmeros outros exemplos de acontecimentos marcantes. A visita de um astro *pop* ao Brasil; mortes inesperadas (como a de Ayrton Senna) ou crimes hediondos (como a morte de Isabella Nardoni) provocaram verdadeiras comoções sociais. Por que essa discrepância? Por que assuntos que dizem respeito à política, à economia, à saúde pública (veja-se a dificuldade de sensibilização para o combate à dengue) – e que em muitos casos interferem diretamente nosso quadro de vida – têm tão pouco poder de afetação? E por que outros, até distantes, afetam tanto?

Não saberíamos responder prontamente a tais indagações. E certamente esse quadro não encontra respostas simples. Seria equivocado buscar uma causa ou uma explicação única. Podemos, no entanto, desafiados pela situação contemporânea, apontar inúmeras pistas para nossa busca, inúmeras questões para direcionar nossa reflexão.

O primeiro aspecto diz respeito à natureza relacional do conceito de acontecimento; um acontecimento não o é sozinho, a partir de suas características intrínsecas, mas ele acontece a alguém. É essa relação que deve ser investigada.

Isto não significa, no entanto, que a explicação e a ênfase de nossas análises devam se direcionar e incidir apenas no público que reage, ou não reage – atribuindo o comportamento suscitado por um acontecimento à sensibilidade/insensibilidade, apatia/emocionalismo de um “povo” que, nesse tipo de leitura, é com frequência desqualificado e colocado à distância (um “eles” a quem é imputada uma avidez por notícias sensacionalistas, bem como uma despolitização e apatia frente a acontecimentos importantes da vida pública).

Por outro lado, a natureza e o conteúdo das reações também não podem ser interpretados simplesmente como “culpa da mídia”, que incitaria ao sensacionalismo, ocultaria questões ideológicas e de poder, e agiria tão somente orientada pelo lucro e atendendo à lógica (e aos apelos) do mercado, ao arrepio de compromissos éticos e sociais.

Tampouco seria adequado referendar a tese do efeito narcotizante segundo Lazarsfeld e Merton, pois a sociedade que não reage a muita coisa, reage e se move por outras. Não se configura, portanto, um panorama de apatia generalizada; estamos antes num quadro em que, com frequência, torna-se difícil prever e/ou explicar o que afeta e o que não afeta a experiência das pessoas.

Assumir plenamente a natureza relacional do acontecimento significa pensá-lo na convergência entre fatos e sentidos, discursos e ações, afetando e sendo conformado pelos indivíduos no contexto de sua experiência. E essa experiência não é individual (ainda que sentida e vivida individualmente): ela é social, moldada pelo social, pela presença de muitos, e pelos valores que impulsionam os sujeitos e dão inteligibilidade e sentido às coisas com as quais eles lidam, às ações que empreendem.

Dessa maneira, a pauta de acontecimentos de uma sociedade – daquelas ocorrências que explodem, congregam, fazem falar – nos fornece o seu retrato. Ela nos diz dessa sociedade naquele momento; do seu conjunto de valores, da maneira como vive, exprime e cobra o cumprimento desses valores.

Assim, ao olhar para nossa sociedade hoje, ao atentar para a dinâmica dos acontecimentos que eclodem e para os diferentes posicionamentos dos públicos, é fundamental perceber as mudanças que vêm ocorrendo. W. Benjamin, o trágico filósofo alemão, detectou de forma arguta e precoce que as mudanças tecnológicas alteram a natureza dos produtos culturais e de nossos mecanismos perceptivos. Não percebemos o mundo da mesma maneira a partir dos novos dispositivos técnicos à nossa disposição. O mundo se dá a ver de novas formas, nossos sentidos são aguçados diferentemente, os acontecimentos, na sua segunda vida, se revestem de formas simbólicas distintas e passam por transformações impensadas. Benjamin (1975) já dizia isto no contexto do advento das máquinas fotográficas e filmadoras.

As mudanças tecnológicas que vivemos na passagem do milênio vieram configurar um panorama ainda mais complexo. O excesso de informação e a velocidade com que elas circulam estreitam nosso espaço de reflexão e de maturação, exigem um sistema mais aguçado de atenção seletiva, novas formas de organização dos dados do mundo, de apreensão e reação aos acontecimentos. A pesquisadora portuguesa Isabel Babo-Lança (2012) fala-nos dos acontecimentos “replicantes” – acontecimentos que, retomados em diferentes contextos, se transformam em outros, atuando em diferentes quadros de sentido. Ou seja, estamos vivendo novas condições da experiência.

Ora, os acontecimentos incidem e repercutem exatamente no domínio da experiência. Eles, então, expõem – e dão a ver – que condições são essas. Lembrando que o mundo

da vida é atravessado por múltiplas realidades, como quer Schutz (1987), é hora de nos perguntarmos: o que entra na nossa realidade cotidiana, o que a compõe? Que porção do mundo nos é dada a experimentar diretamente? Podemos afirmar, sem margem de erro, que a realidade da política, por exemplo, está muito longe da maioria dos cidadãos como espaço de ação e decisão. Por outro lado, vivemos imersos em nossos mundos pessoais – nosso trabalho, nossos entes queridos, nossos desejos, nossos medos, nossos êxitos e nossos fracassos. Sendo tal a realidade de nossa vida cotidiana, o assassinato de uma criança ou o soterramento de mineiros num acidente dentro de uma mina é algo que entendemos, algo que tem afinidade com o que vivemos ou podemos potencialmente viver. Muito mais do que os milhões de recursos econômicos desviados ou pagos em propinas; muito mais do que as oscilações da taxa de juros; do que os acordos eleitoreiros (de que natureza?) selados por partidos políticos – aqueles acontecimentos estão mais próximos da realidade de nossa vida cotidiana por que falam de afetos, de relações, da luta pela sobrevivência.

Em síntese: acontecimentos acontecem em nossa experiência – e falam dessa experiência. Retratam quem somos, como vivemos. Em tempos midiáticos, os acontecimentos (e aqueles que os experimentam) estão submetidos a novas condições e, sobretudo, a uma nova dinâmica. A janela de análise dos acontecimentos se torna assim um importante instrumento de compreensão da realidade da vida cotidiana, da interpenetração de múltiplas realidades, da configuração do mundo da vida. Leva-nos, mesmo, a perguntar: é assim mesmo que queremos continuar vivendo? É esse o mundo... é essa a realidade que efetivamente optamos por construir e queremos deixar como nosso legado?

Vera V. França é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, pesquisadora do CNPq e coordenadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade – Gris-UFMG ([www.fafich.ufmg.br/gris](http://www.fafich.ufmg.br/gris)).

[veravfranca@yahoo.com.br](mailto:veravfranca@yahoo.com.br)

## Referências

- BABO-LANÇA, I. (2012). Reprodutibilidade do acontecimento na ordem institucional. In: FRANÇA, V.; CORRÊA, L. (Org.). *Mídia, instituições e valores*. Belo Horizonte : Autêntica.
- BAUDRILLARD, J. (2001). *La guerre du Golfe n'a pas eu lieu*. Paris : Galilée.
- BENJAMIN, W. (1975) A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: *Os pensadores. Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, vol. XLVIII.
- BERGER, P.; LUCKMAN, T. (1985). *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes.
- CORREIA, J. C. (2005). *A teoria da comunicação de Alfred Schutz*. Lisboa: Livros Horizonte.
- FRANÇA, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). (2012). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica.

FRANÇA, V. (2012). O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, V.; OLIVEIRA, L. (Org). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica.

LAZARSELD, P. ; MERTON, R. (1978). Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. In: COHN, Gabriel. (Org). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional.

QUÉRÉ, L. (2005). Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p. 59-75.

\_\_\_\_\_. (2012). A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V. ; OLIVEIRA, L. (Org). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica.

SONTAG, S. (2003). *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras.

SCHUTZ, A. (1987) *Le chercheur et le quotidien*. Paris: Méridiens Klincksieck.

*Texto recebido em setembro  
e aprovado em outubro de 2012.*